

mar alto

Director e Editor: SEVERO DA SILVA BISCAIA
SEMANARIO DE PROPAGANDA DA FIGUEIRA DA FOZ
ACTUALIDADES*DESPORTOS*LITERATURA*ESPECTACULOS
Propriedade da TIPOGRAFIA CRUZ & CARDOSO, LIMITADA
Publica-se às quartas-feiras — 26 de Agosto de 1970 — ANO V — N.º 217

UMA CAMPANHA QUE NÃO PODE DESFALECER

A ambulância dos Bombeiros

A Câmara concedeu o subsídio de 50 contos

Já aqui lançámos o apelo, como nos cumpria, em favor dos Bombeiros Voluntários, que necessitam, urgentemente, de aumentar o seu equipamento de automacas. Precisam sem delongas de uma automaca rápida, cómoda e de pouco consumo, enfim, eficiente.

A presente campanha dos Bombeiros prossegue, e é indispensável que todos os figueirenses compreendam que a automaca está ao serviço não, verdadeiramente, dos Soldados da Paz mas de toda a população do concelho e até, em certos casos, da região.

Ninguém se pode considerar ao abrigo da necessidade de recorrer aos Bombeiros. Em várias circunstâncias e também nesta do transporte rápido de doentes.

Os meios de reunir o montante para esta aquisição da automaca compreendem o pedido por circular, que está a ser feito, os

peditórios públicos (no Coliseu Figueirense, na venda do capacetes) e os apelos da Imprensa.

A CÂMARA CONCEDEU 50 MIL ESCUDOS

Comunica-nos a Direcção dos Bombeiros Voluntários que a Câmara concedeu para a aquisição da automaca a importância de 50 000\$00.

OS PEDITÓRIOS

Na tourada do dia 16 de Agosto foi feito um peditério. Rendeu 2 545\$00; o sr. dr. Artur Beja contribuiu com 500\$00.

Nos dias 15 e 16, nas ruas, na venda do capacetes, o apuro total foi de 15 669\$50.

Outros donativos: sr. comendador Mário Barraca, 2 500\$00;

Empresa Vidreira da Fontela, 5 000\$00; Fábrica de Malhas Sidnei, 500\$00; Estaleiros Navais do Mondego, 500\$00.

(Continua na 5.ª página)

Exposição do Livro de Educação Física e Desportos nos baixos da Esplanada

De 25 a 30 de Agosto, no Posto de Turismo dos baixos da Esplanada, estará patente uma Exposição do Livro de Educação Física e Desportos, organizada pelo Centro de Documentação e Informação do Fundo de Fomento do Desporto, apresentada na Figueira da Foz por iniciativa da Secção de Iniciação Cultural e Desportiva do Ginásio Clube Figueirense.



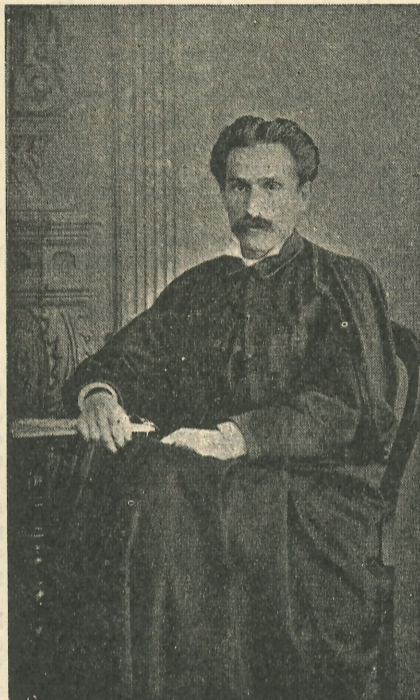
O Rancho das Cantarinhas, a música alegre, a vivacidade das suas raparigas e o garbo dos rapazes, tudo corado dos potes floridos rodopiando em movimentos bem ritmados — é um cartaz de cor e graça que conquista aplausos no estrangeiro, e não cansa os portugueses — que mais uma vez o vitoriam no festival de há dias do Coliseu Figueirense.

Os 75 anos do Coliseu Figueirense

Uma realização notável da Figueira 1895

O Coliseu Figueirense, que comemorou agora a sua fundação, foi uma das realizações mais notáveis da Figueira, há 75 anos. Um jornal da época, «O Povo da Figueira», diz-nos que «onde em Abril [de 1895] se via um areal, um trecho de terreno inculto, onde uma rara erva humilde e inútil vegetava mesquinamente, ergue-se agora um edifício sumptuoso, uma casa de espectáculos vasta e esplêndida».

Foi o dr. João Antunes Pereira das Neves o mais entusiasta e persistente dos promotores do empreendimento. E João Maria da Assunção Costa, um jovem cujas qualidades de carácter já então o impunham, e o distinguiram pela vida fora, quem dirigiu as obras, e de tal modo que a inauguração se podia realizar em Agosto do mesmo ano, cerca de quatro meses depois do início das obras.



DR. JOÃO ANTUNES PEREIRA DAS NEVES

— um dos homens da Figueira do século XIX

A PRAÇA ANTERIOR: A DA MISERICÓRDIA

Na Figueira havia uma praça, a do Pinhal, em cujo local está hoje instalado o Jardim-Escola João de Deus. Pertencia à Misericórdia da Figueira.

Antes desta praça do Pinhal, as corridas efectuavam-se na praça do Pelourinho, hoje designada Praça General Freire de Andrade. Chegou até aos nossos dias uma reminiscência na toponímia dessas touradas na Praça Velha: a Rua do Curro, hoje Rua de «O Figueirense».

A PRIMEIRA CORRIDA NO VISO

Em 25 de Agosto, um domingo, encheu-se quase totalmente a nova praça. 5 000 lugares ocupados, com clareiras na «sombra». A lotação, inferior à de hoje, era de menos de 6 000 lugares. Esteve

(Continua na 8.ª página)

Pelos 90 anos de João Coelho Os TAP facilitam a viagem do velho professor

Que estado de espírito um dia terá levado o prof. João Coelho a assinalar, no opúsculo «A vida abundante», de Homero Ducan, o significativo capítulo de «A parábola do porco»?... Em que circunstâncias terá ele aderido à tese depressiva, ali defendida, de que «a nossa velha natureza é ainda a mesma, incorrigivelmente má»?... Andaria bem longe, por certo, deste movimento de compreensão humana que desde há tempos o atingiu e do qual outra vez hoje nos fazemos eco.

Na verdade, foi da «velha natureza» de alguns discípulos seus que partiu a iniciativa simpática de levar o velho mestre a festejar os seus 90 anos de vida, encontrando-se com uma Filha extrema, a

(Continua na 8.ª página)

ARABESCOS
em água corrente

pelo DR. CRUZ MALPIQUE

NÃO É O PARADIGMÁTICO MAS O ANÓMALO QUE FAZ RIR

O homem paradigmático não faz rir. O riso só pode ser suscitado pelas anomalias: um nariz à Cyrano de Bergerac, umas orelhas asininas e felpudas, uma barriga que o dono tem de transportar num carrinho de mão, um indivíduo mais alto e magro do que o permite a força humana (o caso de D. Quixote), ou estilo pipa, reboludo, baixote, atarracado (tal o caso de Sancho Pança). Os caricaturistas pro-

(Continua na 3.ª página)

Os 75 anos do Coliseu Figueirense

(Continuação da 1.ª página)

presente o governador civil e o conselheiro Neves e Sousa.

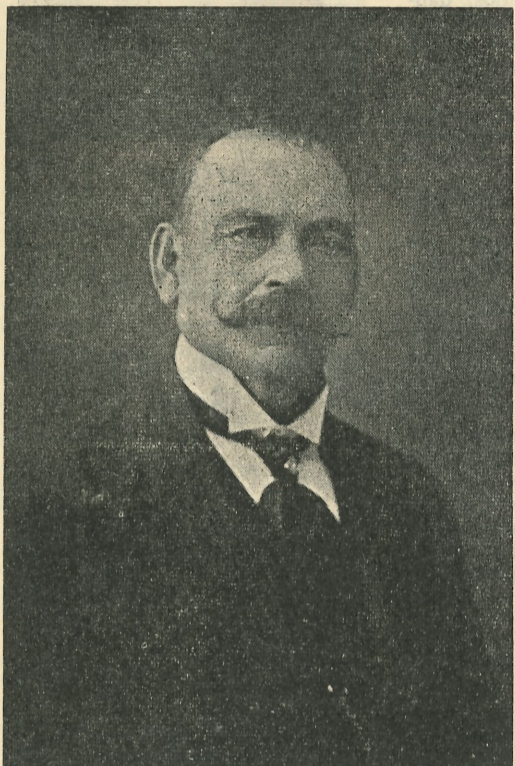
«Nos camarotes e balcões, enfeitados com colchas, cobrejões, flores leques, etc., via-se o que há de mais gentil e distinto não só na colónia balnear como na sociedade pròpriamente figueirense, e toda a praça apresentava uma perspectiva deslumbrante e magnífica».

Começou a corrida pouco depois das 4 e meia da tarde. O 1.º touro foi lidado pelo cavaleiro Alfredo Tinoco, que não foi feliz. O boi colheu contra a trincheira do sul. No quinto bicho, Tinoco não teve mais sorte.

No toureio apeado, distinguiram-se Minuto, Calabaça e Teodoro.

As pegas, a cargo dos forcados da praça de Algés, dirigidos por Jacaré, agradaram.

Alguns dos oito bichos saltaram a trincheira.



PAULO SANTOS :
o hino da inauguração

NA SEGUNDA TOURADA, MÁRIO DUARTE SALTOU A PRAÇA

No dia seguinte, uma segunda-feira, com pouca assistência, talvez meia casa, o espectáculo foi mais animado. Os lugares de «sol» estavam quase desertos.

A corrida ficou assinalada por dois factos extra-programa: Mário Duarte, pai, que em 1905 foi considerado o desportista mais completo de Portugal, saltou à praça e colocou um par de bandarilhas num dos touros; e um amator espanhol também lidou um bicho com passes de muleta.

Os dois intronetidos, ambos felizes nas suas intervenções, ouviram grandes ovações, sobretudo Mário Duarte.

Alfredo Tinoco nesta segunda corrida voltou a brilhar pouco. E também não se distinguiram os toureiros de pé. O gado não permitiu boa lide.

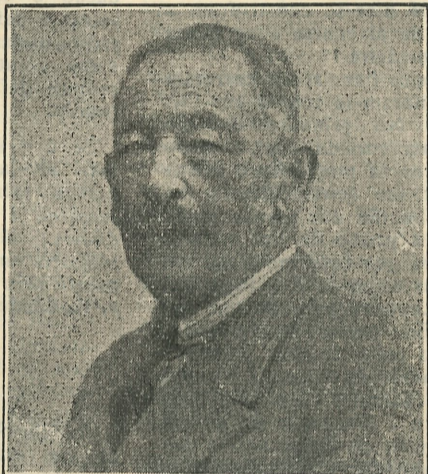
Os forcados voltaram a agradar, principalmente numa pega de costas.

Os preços foram os seguintes: camarotes de 6 senhas, 6\$000 réis; cada senha a mais, 500 réis; balcão, 1\$500 réis; cadeiras sobre o touril, 1.ª fila, 500 réis, outras filas 400 réis; bancada geral, de sombra, 600 réis, de barreira, 700 réis, de galeria, 240 réis.

Paula Santos, regente de bandas, que durante muitos anos exerceu apreciável actividade na Figueira, compôs um hino para a inauguração.

AS GRAVURAS

As gravuras que publicamos foram-nos cedidas das colecções da Biblioteca Municipal.



JOÃO MARIA DA ASSUNÇÃO COSTA :
o construtor

Limpeza da cidade

— cartaz turístico

O «Diário de Lisboa» de 15 de Agosto último, publicou o seguinte comentário, que chamou a minha atenção por vir ao encontro de juízos que já havia formulado a mim próprio. A seguir à sua transcrição, acrescento algumas mais considerações da minha lavra:

A VAREJEIRA

«Voltará? Não voltará? Está na nossa mão. Mantenham o País limpo, que todos lucrarem». A frase ou é esta ou outra muito parecida, mas a intenção é a mesma: manter o país limpo a fim de que o turista volte. O estado de espírito que esta frase representa está a generalizar-se e não há aldeia ou vila em Portugal que não tenha quem se bata por este ou por aquele melhoramento para «satisfazer o turista». Trata-se, evidentemente, duma doença, já que nenhum país são revelaria uma total preocupação com o bem-estar de quem volta ou não volta e tão pouco com quem «está para ficar». Uma estrada para o turista porquê? Então nós não contamos? Então nós, que não temos outro remédio senão viver em Portugal depois de terminado o Verão, não mereceremos uma estrada e um urinol? Será que por decisão divina, teremos de ter uma estrada e um urinol concebidos e construídos para os outros?

Tudo isto se está a tornar ridículo, profundamente ridículo, revoltantemente ridículo. Enquanto afixamos nas paredes das ruas cartazes que nos chamam a atenção para as responsabilidades que nos provêm do facto de termos oito séculos de história, comportamo-nos como novos ricos do sol e do mar perante uns turistas cuja razão de ser até conhecermos. Há regras de boa educação, bem o sabemos — o anfitrião tem por obrigação receber tão bem quanto possível os seus hóspedes — mas essas regras têm por limite o bom senso do anfitrião e do hóspede. Nem o anfitrião é obrigado a prescindir da sua casa para acomodar o hóspede, nem o hóspede pode esperar que o anfitrião se arruine mentalmente para o receber. Ridículo é o anfitrião que adquira um serviço de chá para o hóspede, ridículo é o anfitrião que se sujeite a viver para satisfazer os outros. O que nós queremos dizer diz-se em poucas palavras: só um doído é que mantém a casa limpa para os outros. Mantenhamos Portugal limpo, sim, mas para nós. Que os outros voltem ou não voltem é com eles, mas nós somos forçados a viver em Portugal e nós é que lucraremos em que o país esteja limpo. Quando é que atingiremos a maioridade?

Deverá antes de mais de lamentar-se o uso da primeira pessoa do plural em certas partes do texto, como por exemplo na última frase. Se não era possível utilizar a 3.ª pessoa do plural, por razões de ordem conhecida, ao

menos o autor poderia ter usado a forma reflexa e impessoal. A língua portuguesa tem artificios curiosos, que se não permitem pôr fielmente as coisas como elas são, permitem pelo menos escrevê-las como elas não são.

Uma propaganda em favor de hábitos de higiene, de salubridade, de educação e de civismo, não pode efectivamente basear-se em argumentação desta ordem: é necessário dar ao turista uma ideia agradável da nossa terra... o que é que o turista irá pensar?... ou dizer na terra dele?... Um humilde e resignado servilismo relativamente ao turista poderá contribuir para ampliar a fama de hospitalidade do povo português; poderá ser economicamente rentável, nessa perspectiva; poderá mesmo sossegar e convir a muito bom burguês. Mas ela não deixará de mutilar seriamente a alma e consciência da nossa gente, alma e consciência já bem traumatizadas por outras causas.

Pelo contrário, uma tal propaganda, para ter validade moral, deverá tomar como razões motivações de natureza social. Isto para não colocar o problema no princípio, ou seja, na formulação das causas primárias — económicas e sociológicas — da falta de tais hábitos. Mas isso só marginalmente interessaria (as camadas sociais atingíveis por aquele tipo de publicidade, até nem são das mais desfavorecidas) e não poderia ser feito aqui.

A rua, a cidade, o país, deverão estar limpos ou menos ruidosos por razões de saúde pública, explicáveis e esclarecidas. E ainda mais do que isso, por razões de respeito dos outros e dos seus direitos, reivindicando destes o recíproco respeito dos nossos direitos.

A praia, ou o lugar público do piquenique, devem ficar limpos por respeito pelos concidadãos que a vão utilizar a seguir; o papel, a ponta do cigarro, a casca de fruta ou a garrafa, não podem ser lançados à rua, devido ao respeito para com o nosso semelhante que a vai também cruzar; sobretudo por respeito para com aqueles que o têm de apanhar ou de o limpar.

Infelizmente, esta é uma forma de motivar o comportamento das pessoas que nunca se encontra entre nós.

Será que não interessa desenvolver o sentido social e comunitário da vida, ou apelar para a participação de todos no governo do que nos é comum, ou insistir na responsabilidade de cada cidadão relativamente ao destino dos outros?

Haverá a intenção de esquecer estas teclas fundamentais de um verdadeiro processo de promoção e educação social?

Manuel dos Passos

Carro usado

VENDE - SE — Rua Dr. Oliveira Salazar, 112 — Tavadede.

Pelos 90 anos de João Coelho

(Continuação da 1.ª página)

há mais de vinte anos longe, por terras de África. Tais discípulos juntaram, para o efeito, a importância de 8 070\$00.

Entretanto, esses mesmos solicitaram também a colaboração dos T. A. P. Solicitaram-na uma vez e outra. Enfim, a «velha natureza» falou também numa empresa que nada teve a ver com o homenagem. E traduziu-se no seguinte ofício, de 21-VII-970, endereçado ao nosso Director:

...Senhor Severo da Silva Biscaia,
Em resposta às cartas de 13 de Junho e 16 de Julho p.º p.º da Comissão Promotora da Homenagem a prestar ao venerando João de Oliveira Coelho, que mereceu a nossa melhor atenção, é com todo o prazer que a TAP se associa àquela tão justa iniciativa estando, desde já, à inteira disposição de V... para estudar a melhor forma de dar execução à viagem a África daquele Professor do Ensino Secundário.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar a V... os nossos melhores cumprimentos.

(a) — Transportes Aéreos Portugueses — Chefe da Divisão de Relações Públicas

Significa isto que, graças à gentil e valiosa colaboração dos T. A. P., a partir de agora se encontram abertos os caminhos do encontro entre Pai e Filha.

Bom é o que bem acaba. E, como em bem termina esta campanha de solidariedade humana de que «Mar Alto» se fez eco, ao jornal cumpre o grato gesto de anunciar o feliz remate do movimento.

E alguns, dentro deste semanário, perante atitudes como a dos T. A. P., acreditam na «nossa velha natureza», sem crerem, todavia, que ela seja «incorrigivelmente má»...

Há ainda a acrescentar ao último apuro total, as seguintes contribuições:

Transporte	7 870\$00
João Rocha	150\$00
D. Maria Ramalho	50\$00
Total	8 070\$00

Campo de aviação ao sul da Gala

O campo de aviação de que a Figueira precisa não podia ser o que ainda existe na Morraceira, área sem grandes possibilidades de ampliação, que lhe limitaram sempre as utilizações.

Esse campo da Morraceira, criado há cerca de 40 anos, e a que foi dado o nome de «Major-aviador Humberto Cruz», homenagem às notáveis viagens aéreas deste distinto aviador, esteve sempre mais ou menos abandonado.

Começaram desde há tempo a surgir na Imprensa notícias da construção do novo campo da Figueira, a sul da Gala.

As dotações levam o seu tempo, e tudo se arrasta num ritmo excessivamente lento.

Foi agora concedido, pela Direcção - Geral da Aeronáutica Civil um subsídio no valor de 400 contos, para trabalhos de terraplanagem.

MARÇANO

PRECISA - SE. António Caiano & C.ª.

Vendem-se

ANDARES, com 3 quartos, sala de jantar e estar, cozinha, despensa, sanitários e W. C. de criada e garagem, em prédio a construir em bom local da cidade e a 600 m. da praia de banhos.

Informa pelo telefone 24368, depois de 22 horas, ou proprietária de Barracas Laura — na Ponte do Galante.

mar alto

26-8-1970 — N.º 217

Redacção e Administração
Rua dos Ferreiros, 27
Telef. 23073

Director e Editor: SEVERO DA SILVA BISCAIA

Redactores permanentes:

António Augusto Menano, António Jorge da Silva, José de Sousa Cardoso, José Fernandes Martins e Dr. José Pires Lopes de Azevedo.

AVENÇA